



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

SULEIGMA DINIZ SILVA

**REFLEXÕES ACERCA DA NARRADORA DA OBRA “EU SOU UMA
LÉSBICA”**

CAMPINA GRANDE—PB
2012

SULEIGMA DINIZ SILVA

**REFLEXÕES ACERCA DA NARRADORA DA OBRA “EU SOU UMA
LÉSBICA”**

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de Licenciado em letras.

Orientador (a): Prof. Dr. Antonio Pádua Dias Da Silva

CAMPINA GRANDE—PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL –
UEPB

S586r

Silva, Suleigma Diniz.

Reflexões acerca da narradora da obra "Eu sou uma lésbica" [manuscrito] / Suleigma Diniz Silva . – 2012.

52f. : il. color

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva, Departamento de Letras”.

1. Crítica Literária 2. Homossexualismo 3. Orientação Sexual I. Título.

21. ed. CDD 801.95

SULEIGMA DINIZ SILVA

REFLEXÕES ACERCA DA NARRADORA DA OBRA "EU SOU UMA LÉSBICA"

Aprovado em ____/____/2012

Antonio de Pádua Dias da Silva

Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva/ UEPB
Orientador

Nota 8,0

Flaviano Maciel Vieira

Prof. Ms. Flaviano Maciel Vieira/ UEPB
Examinador

Nota 8,0

Francisca Zuleide Duarte de Souza

Prof.ª. Dr.ª. Francisca Zuleide Duarte de Souza
Examinadora

Nota 8,0

Média 8,0

REFLEXÕES ACERCA DA NARRADORA DA OBRA “EU SOU UMA LÉSBICA”

SILVA, Suleigma Diniz

RESUMO

Os gays e lésbicas vem, ao longo dos séculos, tentando conseguir um lugar respeitado em nossa sociedade. No que tange à literatura gay esse espaço vem sendo alcançado desde o final do século XIX, pois antes desse período a literatura, trazia em suas páginas, apenas belas histórias heterossexuais, porém ainda há muitos direitos a serem conquistados. Uma vez que, mesmo ocorrendo avanços dos pensamentos humanos, persistem os tabus e preconceitos. Desta forma, escolhemos a obra “Eu sou uma lésbica” da autora Cassandra Rios e, optamos por analisar a narradora que é a protagonista da narrativa e é uma lésbica, em cujo discurso verificamos contradições acerca de sua orientação sexual, bem como posicionamentos permeados de tabus e preconceitos. Neste sentido, este artigo objetiva analisar o comportamento da narradora em determinadas circunstâncias. Sob este prisma, verificaremos a representação da narradora na obra e suas contribuições para os papéis sexuais dos sujeitos. Levantamos reflexões sobre práticas culturais adotadas por uma sociedade estruturada com códigos de valores, quando a questão é o outro, e principalmente quando este é considerado “diferente” no que tange à sexualidade representada na obra pelo discurso da narradora. Para desenvolver nossa reflexão, aportamos nas teorias de Dal Farra (1978), Mott (1997), Benjamin (1997). Dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Narradora; Literatura; orientação sexual.

INTRODUÇÃO

A literatura trouxe, durante séculos, em suas páginas ficcionais, belas histórias de romances heterossexuais, mas no século XX esta realidade começou a mudar com a publicação de romances que abordavam a temática gay, contudo, é na década de 40 que é escrita uma das primeiras obras brasileiras totalmente voltada para o relacionamento amoroso entre pessoas do mesmo sexo. Um detalhe que vale salientar: essa obra foi escrita por uma mulher. Cassandra Rios foi a responsável pela produção de muitos livros que traziam em suas páginas histórias de mulheres que se envolviam

amorosamente com outras mulheres e, apesar do escândalo causado em uma sociedade cheia de códigos de valores ganhou a simpatia de milhares de leitores e leitoras que se deleitavam com suas histórias.

Porém, apesar de ter publicado muitas obras literárias, esta autora e seus livros são, hoje, pouco conhecidas no meio acadêmico e fora dele. Quando, na realidade, não deveria ser assim, tendo em vista que as comunidades homoafetivas vêm galgando, através de longas batalhas, degraus que levam a um espaço de mais respeito em uma sociedade que durante séculos os considerou degenerados, doentes. Sendo assim, a obra escolhida para análise foi “Eu sou uma lésbica” de Cassandra Rios, foi publicada na década de oitenta e, como as demais, causou muitos comentários por causa do conteúdo da narrativa.

Neste sentido, analisamos o comportamento da narradora da obra. Levantando questões acerca do seu comportamento em determinadas circunstâncias que, mesmo ela sendo uma lésbica, demonstra posicionamentos permeados por tabus e preconceitos. Sob este prisma, ergue-se a seguinte problemática: o modo como a narradora é representada na obra “Eu sou uma lésbica” (2006), contribui para os questionamentos acerca dos papéis sexuais dos sujeitos? E ainda, refletir sobre práticas culturais exercidas por uma sociedade, quando o assunto é o outro, e principalmente quando este é considerado “diferente” no que tange à sexualidade representada na obra pelo discurso da narradora.

Assim sendo, aportamos nos fundamentos teóricos de Benjamim (1994) que reflete acerca do narrador e seu papel dentro da obra, bem como Bellini (1989) que discute os comportamentos sexuais dos sujeitos em meio a uma sociedade estruturada com códigos de valores. Também recorreremos a Mott (1987) que colabora para compreendermos os percursos realizados pela literatura homoafetiva brasileira.

Deste modo, refletimos ainda sobre o narrador e sua importância dentro de uma obra literária, através da visão de outra teórica de grande relevância para este trabalho, Dal Farra, e, segundo ela,

A relevância do ponto de vista do narrador reside no fato de ele se cumprir na ficção como olhar condutor explícito, de maneira que ele se indica como o acesso para o desvendamento do olhar primeiro. Na verdade, a ótica avaliadora percorre todos os labirintos textuais e surge, posteriormente, ao leitor, como a marca da existência do autor-implícito, que por trás dos disfarces e por baixo do cenho atento com que carrega a responsabilidade dos seus mil olhos, decide o percurso das vistas e das bocas que manipula. (DAL FARRA, 1978, p.49)

De acordo com o excerto acima, verificamos a importância do narrador dentro de uma obra norteando o processo de desvendamento das tessituras do romance. Através de seu discurso, revelando características particulares e sua visão unívoca sobre os fatos, mas mesmo assim pode-se ter uma visão crítica acerca do que é apresentado.

Compreendemos que no campo literário podemos discutir todas as temáticas, contudo, ainda existem barreiras sócias que impedem a ampliação do conhecimento de obras que abordam de forma explícita as relações homoafetivas. Sendo assim, pode-se a oportunidade de termos uma formação de indivíduos mais críticos e compreensivos quando o assunto é orientação sexual.

Baseados neste entendimento, decidimos trabalhar a narradora de uma obra fundamentalmente lésbica, e de uma autora polêmica e de grande relevância para a literatura gay, mas que não tem o seu merecido reconhecimento, pois apesar dos avanços nos pensamentos humanos, persistem as normas sócias que dificultam o conhecimento de tais obras.

A partir deste artigo somos levados a repensar valores pré-concebidos que só nos conduzem a práticas permeadas de preconceitos, quando na verdade vive-se em um século de busca às igualdades, desconstruindo tabus e, buscando-se a formação de sujeitos mais abertos ao diálogo acerca da sexualidade. Tendo em vista que, de acordo com Silva,

Em menos de um século, o pensamento humano dá uma guinada, saindo, por exemplo, do estágio do preconceito e do desrespeito ao estágio da política pública favorável aos diferentes; não em favor do reconhecimento, mas (por este já ter sido instaurado) da construção de bases legais e culturais do diálogo, respeito e tolerância, principalmente ao sujeito ainda marcado “negativamente” pela sexualidade, a saber, o homossexual. (SILVA, 2007, p.123)

NARRADOR PROTAGONISTA: ALGUNS APONTAMENTOS

De acordo com os muitos estudos realizados acerca da homoafetividade verificamos que este não é um tema recente, uma vez que se têm relatos de relacionamentos amorosos entre pessoas do mesmo sexo desde a Grécia antiga. E é com a poetisa grega Safo que surgem as primeiras confissões de amor entre mulheres.

É no século VI antes de nossa era que o lesbianismo teve sua grande aparição histórica: na ilha grega de Lesbos, hoje chamada Mitilene, onde viveu a poetisa Safo autora de nove livros de poemas que no século XI foram queimados em Roma pelo papa Gregório VII, dos

quais só nos restaram fragmentos de algumas odes, os quais proclamam discretamente os encantos do amor ente mulheres. (MOTT, 1987, p.20)

Já aqui no Brasil os relatos de paixões entre mulheres datam desde o século XVI, quando ocorreram “processos do santo ofício contra algumas das envolvidas nas confissões e denúncias”. (BELLINI, 1989, p.10). Muitas dessas mulheres foram castigadas pela igreja católica com penas que variavam entre punições espirituais até expulsão da cidade onde moravam. Há relatos de mulheres que confessaram terem tido suas primeiras experiências sexuais com outras mulheres entre sete e onze anos de idade. Dentre as mulheres envolvidas nesses relacionamentos, encontravam-se escravas, senhoras, mulheres casadas, solteiras, viúvas e até mesmo freiras.

Diante disto, percebe-se que as relações sexuais entre mulheres não são recentes como muitas pessoas podem imaginar. No tocante à literatura brasileira, é somente no final do século XIX que somos apresentados, ainda que timidamente, aos primeiros romances que traziam em suas páginas alguma menção aos relacionamentos amorosos entre mulher. Tais romances eram escritos por homens, mas esta realidade começa a mudar com a entrada da mulher no cenário literário gay, e uma das escritoras de mais destaque foi Cassandra Rios que escreveu seu primeiro romance na década de quarenta do século passado. Autora polêmica e de sucesso, entre leitores e leitoras da época.

O tema homoafetividade sempre foi um tabu para a sociedade que tenta determinar normas de comportamentos para homens e mulheres e estabelecer papéis para ambos. A década de oitenta marcou um momento muito importante para os grupos militantes de gays e lésbicas, pois com a descoberta da AIDS o mundo passou a atentar um pouco mais para esses grupos, contudo, esse problema acarretou também, por parte de muitas pessoas o aumento do preconceito, tendo em vista que muitos tinham a ideia que a doença havia surgindo por causa das relações gays.

Neste cenário foi escrita a obra “Eu sou uma lésbica”. Nosso foco é como dito a narradora e, para cujo estudo, serão indispensáveis algumas perspectivas teórico-críticas para compreensão deste elemento narrativo dentro da obra.

Nesta obra temos uma narradora protagonista que, segundo Presser,

O narrador-protagonista. O eu que narra se identifica com o eu da personagem principal que vive os fatos. Trata-se de um ator que acumula o papel de sujeito da enunciação e de sujeito do enunciado.

Ele nos conta uma história por ele vivida, a história, de uma parcela de sua existência. É através de seus olhos e de seus sentimentos que são apresentados os elementos constitutivos da narrativa: os fatos, as outras personagens, os temas e os motivos, as categorias do tempo e espaço. (PRESSER, 1995, p.62)

Diante do excerto acima, percebemos como o narrador em primeira pessoa se posiciona, ou seja, um sujeito que deixa o leitor a par dos acontecimentos vividos pelo narrador. E que é por meio de sua visão que somos guiados, nos deixando muitas vezes presos a sua conclusão dos fatos. E ainda, de acordo com Farra,

O narrador é um ser ficcional que ascendeu à boca de um palco para proferir a emissão, para se tornar o agente imediato da voz primeira. Metamorfoseado nele, o autor tem a indumentária necessária para proceder à instauração do universo que tem em vista. (DAL FARRA, 1978,p.19).

Esta metamorfose vamos encontrar na narradora, que em determinados momentos, se mostra segura quanto a sua orientação sexual “- Que tabu, que nada, você não entende!- respondi, e frisei, soletrando, com uma coragem e uma determinação que jamais julgara ter:- eu sou uma lésbica!” (RIOS,2006,p.89), mas em outros demonstra medo e preconceito por outras lésbicas, “uma machona como as que eu já vira na rua e que me causavam repulsa e aversão”(RIOS, 2006, p.67). A obra em análise, através de sua narradora, apresenta reflexos de uma autora-implícita que de segundo Dal Farra

O autor-implícito recria o seu próprio relacionamento com as máscaras através do relacionamento que o narrador mantém com as personagens: na distância ou proximidade com que as observa na simpatia ou antagonismo com que as concebe, na própria imprevisibilidade que separa o projeto do narrador da sua execução. O autor-implícito dramatiza no romance de primeira pessoa a origem e o desenvolvimento da sua ficção. (DAL FARRA, 1978, p.42)

De acordo com essa acepção, entendemos que, bem como em outros romances em primeira pessoa, a obra em análise mantém um diálogo entre a autora-implícita e a narradora. Desta forma, o leitor é enlaçado e muitas vezes conduzido ao ponto de vista da narradora.

Neste caso a narradora nos mostra um pouco da visão de sua escritora, pois com nos aponta Dal Farra

Como seu representante e porta-voz, o narrador se torna, então, mais que a personagem fictícia assentada como tal: ele se transforma no verbo criador da linguagem, no espírito onisciente e onipresente que cria e governa o mundo romanesco. Deste modo, mesmo o mais

imperceptível narrador de terceira pessoa—o de *Madama Bovary*, por exemplo—será sempre uma máscara criada, adotada e mantida pelo autor. (DAL FARRA, 1978, p.19)

Depreende-se, da citação acima, que o escritor recorre ao narrador para contar através da narrativa experiências por ele vivenciadas ou as experiências de outros. Vemos que o narrador se torna então uma máscara construída por seu autor.

A narradora possui por meio dos fatos narrados a arte de eternizar os fatos, pois mesmo quando o autor não está mais vivo, ainda assim, está ali o narrador disseminando experiências que se encontram com as experiências dos múltiplos leitores daquela obra e permitindo uma nova interpretação a cada nova leitura. Para Benjamin,

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los. Escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites (BENJAMIN, 1994, p.201)

O narrador norteia e nos faz companhia durante o percurso de leitura, nos faz odiar ou amar algum personagem, tendo em vista que somos guiados pela visão de mundo dele. No caso da narradora da obra em análise, percebe-se que ela demonstra por meio de suas atitudes a influência de discursos culturais que subordinam os sujeitos às práticas de uma sociedade que ainda não tolera o “diferente” daqueles padrões por ela estabelecidos.

A forma preconceituosa como a narradora se posiciona diante de determinadas situações,

Fortes mulheres, com volumosas tetas, voz grossa e panca de homem, com filhos e amantes- falsas pervertidas, sempre dispostas a flertar, fosse comigo, com uma lésbica qualquer ou mesmo com homens-, essas machonas, sacudindo os tetões como se fossem suas armas, granadas que iriam explodir nada mais do que leite na cara de todo mundo, é que saíam à frente de um falso movimento de emancipação da mulher, ridicularizando e levando ao mais baixo nível tudo o que se pudesse pensar a respeito das lésbicas.(RIOS,2006,p.97)

Revela a total falta de compreensão de que os homoafetivos possuem os mesmos direitos das pessoas heterossexuais e, até mesmo de outros homoafetivos. Mas percebe-se que tais reações são fruto de experiências vividas por essa narradora. Para Benjamin,

Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é conta-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. (BENJAMIN, 1994, p.221)

No caso da narradora de “Eu sou uma lésbica”, os conselhos são as próprias atitudes que mostram como jamais se deve agir mediante algumas circunstâncias. Pois ela possui uma alta percepção das coisas que estão em seu redor, porém age na maioria das vezes de forma contrária a sua orientação sexual.

A narrativa em questão traz muito das experiências da narradora, não apenas as por ela vivenciadas, mas as ouvidas por ela e transmitidas para os leitores pelo prisma da protagonista e narradora. É importante salientar que, ao longo da narrativa nos deparamos com Flávia na infância quando tem início todo o enredo, e também uma Flávia mulher que relembra os fatos de quando criança. Temos então uma diversidade temporal entre o presente da narração e o passado, o que faz com que a própria narradora tenha pontos de vista diferenciados dos acontecimentos como, por exemplo, acerca da morte do marido de sua amante, “eu não podia aceitar a ideia de que era uma criminosa, de que, friamente, calculadamente, aos sete anos de idade, praticara o mais hediondo crime. Matara um homem como se mata um cão. Matara por raiva e por ciúme” (RIOS, 2006, p. 132). Nesse momento, temos uma Flávia adulta que tem uma visão acerca do que ela praticara, contudo, temos a visão dela com relação ao mesmo fato quando a narradora ainda, era criança “quando Kênia e seu Eduardo foram embora no fordeco, eu ficara olhando, decepcionada e triste porque ele não caíra morto e com a barriga estufada como a minha cachorrinha encontrada no jardim”. Aqui a Flávia criança não possui a consciência da gravidade de sua atitude.

Sendo assim, verifica-se dentro desta narrativa um conflito de ideias, de sentimentos e de pontos de vista por parte da narradora, levando-nos, por vários momentos, a refletir acerca de determinadas atitudes, bem como questionar valores

ideológicos e nossa condição enquanto seres humanos. Apesar de sermos conduzidos pelos olhos da narradora, temos nossas perspectivas particulares, levando-nos a muitas vezes contestar os posicionamentos ideológicos da narradora. E mesmo sendo os leitores conduzidos por esta narradora, para Benjamin,

O leitor de um romance é solitário. Mais solitário que qualquer outro leitor (pois mesmo quem lê um poema está disposto a declamá-lo em voz alta para um ouvinte ocasional). Nessa solidão, o leitor do romance se apodera ciosamente da matéria de sua leitura. Quer transformá-la em coisa sua, devorá-la, de certo modo. Sim, ele destrói, devora a substância lida, como o fogo devora lenha na lareira. A tensão que atravessa o romance se assemelha muito à corrente de ar que alimenta e reanima a chama (BENJAMIM, 1994, p.213)

Partindo do excerto acima verificamos que, mesmo tendo a narradora como condutora, a leitura de uma narrativa é solitária, uma vez que é feita uma viagem pela interioridade de cada leitor e quando realizamos este percurso pelo nosso interior o fazemos sós, pois nenhum narrador pode nos acompanhar. E quando voltamos à exterioridade é que percebemos a totalidade da obra e até mesmo da vida. Conforme Benjamin

Com efeito, “o sentido da vida” é o centro em torno do qual se movimenta o romance. Mas essa questão não é outra coisa que a expressão da perplexidade do leitor quando mergulha na descrição dessa vida. Num caso. “o sentido da vida”, e no outro, “a moral da história”—essas duas palavras de ordem distinguem entre si o romance e a narrativa, permitindo-nos compreender o estatuto histórico completamente diferente de uma e de outra forma. (BENJAMIM, 1994, p.212)

A partir do excerto acima, verificamos que na obra “Eu sou uma lésbica”, o leitor mergulha não na “moral da história”, mas na perplexidade causada pela narração dos fatos. Haja vista que depara-se com revelações surpreendentes e muitas vezes inimagináveis, que agredem um padrão sociocultural desejado pelo corpo da sociedade. Talvez, essa perplexidade gerada seja porque na obra deixa-se cair uma máscara que esconde como a sociedade de outrem e infelizmente ainda hoje apesar dos avanços vê os homoafetivos.

ANALISANDO O NARRADOR EM PRIMEIRA PESSOA PROTAGONISTA NA OBRA “EU SOU UMA LÉSBICA”

Tomando como corpus para este trabalho a obra “Eu sou uma lésbica” analisaremos sua narradora, para assim refletirmos acerca de alguns posicionamentos e

sua perspectiva narrativa que será indispensável. Para tanto, nos aportaremos no conceito de narrador em primeira pessoa protagonista da autora Maria Lúcia Dal Farraque afirma “na primeira pessoa protagonista a abordagem é interna, pois conta, como personagem principal, a sua própria estória na primeira pessoa, reduzindo a distância entre ele—personagem—e o leitor”. (DAL FARRA, 1978, p.27).

Nessa fala “eu não queria dormir. Queria sentir tudo o que pudesse viver daquele momento maravilhoso, pois via o meu sonho realizado, deitada ali na cama da dona Kênia” (RIOS, 2010, p.25). Neste trecho podemos perceber a intensidade do sentimento por parte da narradora, contudo, não tinha seu sentimento correspondido, mas um imprevisto envolvendo a família de Flávia a levou a dormir uma noite na casa de sua amada, e aproveitando-se da situação, a narradora que aparentemente era uma criança inocente planejou uma maneira de dormir ao lado de dona Kênia e conseguir usufruir o máximo daquele momento.

Minha mente astuta, na sua instintiva ideia com o fim de dar-me aquilo que eu queria acima de qualquer outra coisa, já criara o que seria “brincar de gatinho”, em cuja explicação empenhei todos os meus esforços, tentando fazer daquela brincadeira algo que a interessasse e agradasse.(RIOS,2006,p.29)

Observa-se na fala da narradora que, apesar da idade, ela já sabia sua orientação sexual e como arquitetar um plano para conseguir o que desejava, lavando-nos a perceber a fragilidade dos indivíduos que acreditam na incapacidade de uma criança de até sete ou oito anos compreender o que seja paixão e orientação sexual. O tempo passa e nos deparamos com Flávia no início da adolescência, quando começam a surgir os conflitos de identidade por parte desta narradora

Também nunca houve rivalidade entre mim, Elisa e Renato. Pelo modo como o tratamento de meus pais referente à nossa educação, se processava, e os acontecimentos e circunstâncias iam sendo percebidos e compreendidos por mim, *não creio que houvesse uma só falha que pudesse servir de suspeita para justificar a minha personalidade* (RIOS, 2006, p. 34, grifo nosso).

Note-se, que chamamos a atenção para o fato de que o narrador tem receio da sua orientação sexual, uma vez que tenta encontrar algo que justifique a sua personalidade, esta atitude nos revela reflexos de uma sociedade que busca uma resposta para o fato de uma pessoa ser homoafetiva.

Flávia demonstra, em certos momentos, segurança quanto a sua personalidade “sou definida, autêntica, honesta, mas um tanto covarde, ainda”. Contudo, em outros momentos deixa transparecer seu medo em declarar-se lésbica. É o que podemos perceber nesta fala da narradora “eu preferia disfarçar, passar despercebida; para que me tornar alvo de achincalhes? Eu sabia bem o que pensavam e falavam de gente como eu” De acordo com Sedgwick,

Mesmo num nível individual, até as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. Além disso, a elasticidade mortífera da presunção heterossexista significa que, como Wendy em Peter Pan as pessoas encontram novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam. Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física, exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. (SEDWICH, 1993, P.22)

Culturalmente as sociedades ocidentais esperavam que meninas fossem delicadas, que aprendessem a realizar todas as tarefas domésticas e casassem com um homem para constituir uma família, porém as que não seguem esses padrões estabelecidos sofrem exclusões, o que gera, como no caso da nossa narradora, o temor em declarar-se lésbica. Segundo Louro (2010) “não são muitas as pessoas que podemos ouvir afirmando “ eu sou gay” ou “eu sou lésbica” significa fazer uma declaração sobre pertencimento, significa assumir uma posição específica em relação aos códigos sociais dominantes”.

O segundo amor de Flávia foi Núcia, uma garota que ela conheceu em um baile e, como na infância, arquitetou um plano para conseguir se aproximar da garota por ela desejada e descobrir se a menina também era lésbica. E como resposta ganhou um ardente e demorado beijo o que a levou a sentir novamente os lampejos de amor, desejo e sensualidade sentidos por ela no passado quando se envolveu com Kênia. “Núcia e eu”. E os “eu te amo”, intercalando beijos, juras, afagos e confissões. “Eu nunca tivera outras”. (RIOS, 2006, p.61).

Os sujeitos são influenciados pelo meio social no qual estão inseridos e por este motivo muitas vezes abdicam de suas realizações pessoais

E Núcia me chamou de covarde. Disse que eu precisava cortar os cabelos, usar calças compridas, andar mais “esporte”. Eu ia ficar uma gracinha, de cair o queixo. Se eu quisesse lhe dar um presente de aniversário, que fizesse uma trança dos meus cabelos cortasse e desse para ela guardar. Se eu cortasse os cabelos, mamãe teria um choque, e papai talvez até chorasse de desgosto, pois já andava implicando pelo fato de eu só usar as camisas de Renato (RIOS, 2006, p.65).

Percebe-se que aos pouco as desinibições associadas aos desejos sexuais da nossa protagonista a levam a adotar uma indumentária masculina, porém ainda existe o receio de desagradar às pessoas que a cercam, pois para a sociedade esse comportamento adotado por Flávia fere a própria natureza feminina.

Judith Brow faz referência à aversão que tinha a sociedade europeia, no século XVI, a atitudes que atingiam a relação entre gêneros e a hierarquia social tradicional, mulheres quebrando laços que as ligavam à esfera feminina e usurpando funções masculinas, usando instrumentos para “suprir as faltas do sexo”, agindo e vestindo-se como homens. (BELLINI, 1980, p.70)

Verifica-se que a autora faz referência a sociedade europeia do século XVI, no entanto, a realidade não sofreu completas mudanças neste sentido, haja vista que, hoje ainda podemos encontrar pessoas que demonstram aversão por mulheres que adotam tanto um comportamento como uma indumentária masculinas. Constata-se também que o narrador é levado pelo meio no qual está inserido a seguir determinados parâmetros de comportamento.

Foi através de Núcia que Flávia teve um contato mais próximo com outras lésbicas

Uma machona, como as que eu já vira na rua e que me causavam repulsa e aversão. Metida a homem, andar de fanfarrão, impostando a voz, sacudindo as pernas arreganhadas, como se tivesse um enorme saco entre elas, gesticulando, falando do seu “caso” como se falasse de uma mulher-objeto. As expressões o modo de andar, tudo nela me enojou. (RIOS, 2006, p.67)

Nesta fala do narrador verificamos um fato que vale ser ressaltado, ou seja, Flávia, em um determinado momento já exposto, manifesta seu desejo por caracterizar-se como homens, contudo em outro momento como é possível verificarmos no trecho acima, ela demonstra aversão por outra lésbica que se comporta como um sujeito do sexo masculino, um fato um tanto contraditório, pois o narrador se revela confuso, agindo hora como uma pessoa que tem sua identidade sexual bem resolvida e hora agindo conforme os padrões culturais que são definidos pela sociedade. De acordo com o ponto de vista de Bellini

Talvez, como no tempo de Sêneca, aqueles atos ainda significassem um “mundo às avessas”. Comportando-se “como homens”, essas mulheres estariam então desrespeitando princípios da divisão entre gêneros, ultrapassando o campo a que usualmente estavam

circunscrita suas possibilidades de relacionar-se sexual e afetivamente.
(BELLINI, 1989, P.70)

Analisemos a seguinte fala

- Gosto. Quero bem. Admiro. Fábio é um rapaz educado, inteligente, e eu saberia como afastá-lo de mim sem criar esse problema... sei lá se ele não vai sair espalhando o que houve... será muito desagradável... não gosto que me apontem... eu sei quando e onde ser o que sou...

-você é falsa. Tem medo

-tenho cuidados.

(...)

-você está com medo.

-estou com receio. É muito diferente. (RIOS, 2006, p.82)

Esta é uma discussão entre Flávia e Núcia na qual percebemos o medo da protagonista em assumir sua identidade homoafetiva, uma vez que, ela não sabe como as pessoas reagiriam, pois o gay precisa lidar diariamente com a questão: sair ou não do armário? haja vista as consequências geradas pela revelação de ser um homoafetivo, revelação essa que muitas vezes acarreta até agressões físicas. Notamos ainda, que subjacente a este comportamento está a noção de que sua orientação sexual é pecado, transgressão e que existem lugares adequados para se revelar lésbica. “É dramático, e certamente muito semelhante ao de milhares de mulheres que inconscientemente introjetaram todo ódio e intolerância com que nossa sociedade herdeira da moral judaico-cristã repudia a homossexualidade.” (MOTT, 1987, p.58).

Esta safista apresenta um temor que atingia grande parte dos gays e lésbicas dos séculos passados e inclusive deste século, quando ainda persistia na mente das pessoas um preconceito muito forte e excludente, nesta mesma época ainda residia em muitas mentes a noção de que a homoafetividade era uma doença que precisava ser tratada.

Na fala de sua amante há mais ousadia, menos receios, mas devemos levar em consideração os ambientes nos quais as personagens estão inseridas, isto é, Flávia vive em um ambiente permeado por convenções sócias, já Núcia é mais livre, pois mora sozinha, faz universidade e convive com pessoas de mentes mais abertas.

Em uma situação envolvendo Flávia e Roberto, um garoto apaixonado por ela, podemos observar como era forte esta alienação de algumas pessoas que consideravam o lesbianismo uma anormalidade, uma doença, um vício:

Fábio falava e ao mesmo tempo pegava os livros dos meus braços e me conduzia para o seu Buick, estacionado ali perto. Ele falava, fazia discurso, verdadeiros libelos contra o lesbianismo. Tinha certeza de que eu não era nada disso. Se eu quisesse, poderia me libertar do “vício”(...) Fábio falando tentando me convencer que eu não era o que

era, que aquilo de lésbica era desvio sexual, que era só querer que a mulher se reintegrava ao certo e melhor.(RIOS, 2006,p.86 a 87)

É importante salientar que este ponto de vista que Fábio tinha acerca das lésbicas era condicionado por um pensamento que o levava a pensar desta forma, tendo em vista que não nascemos imbuídos de tais concepções, mas somos induzidos pelo meio a adotarmos determinados pontos de vista. Como vemos, Fábio tenta convencer a protagonista, através de seu discurso preconceituoso e medíocre, de que orientação sexual dela era uma anormalidade que poderia ser “corrigida”.

Após este fato, a narradora nos relata um episódio muito deprimente que aconteceu em um baile de carnaval no qual mulheres se vestiam de homens e os homens, de mulheres e que nos revela parcialmente as desumanidades a que eram submetidos os homoafetivos. Atriste cena a que nos referimos é o espancamento e expulsão de um grupo de gays e lésbicas do clube simplesmente porque naquele ambiente não era permitida a sua entrada, ressalvados os gays e lésbicas que não eram identificados como tal: “Meu grupo estava igualmente atônito, assistindo ao deprimente espetáculo, e resolvemos que o melhor seria começar a criar um clima alegre entre nós, já que nada poderíamos fazer por aquela pobre infeliz que fora barrada por ser lésbica”(RIOS, 2006, p. 99)

É interessante frisarmos do excerto acima a indignação sentida pela narradora diante daquela cena, porém impossibilitada de esboçar qualquer reação de apoio àquelas pessoas, pois ela também poderia sofrer as repressões advindas das coerções sociais que criavam obstáculos ao normal convívio entre heteros e homos e, novamente nos vemos diante da questão quando sair do armário? Sedgwick nos afirma

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja uma presença formadora. (SEDGWICK, 1993, P. 22).

Diante da citação acima, percebemos uma questão pertinente para a narradora: quando se revelar? , pois haverá para os homoafetivos sempre cautela com relação a quando e a quem dizer que é gay? Isto não significa negar sua orientação sexual, mas analisar os riscos que se corre com esta exposição.

Passado algum tempo, Flávia recebe a notícia de que sua amada Kênia está de volta à cidade:

Você nem imagina quem estive ontem à noite aqui em casa. Chegou logo depois que você saiu. Estava tão linda! Mais bonita do que nunca, e tão simpática! Não esqueceu da gente. Perguntou muito sobre

você. Queria saber se já se casara, o que estava estudando, se trabalhava tudo. Advinha quem?

-nem calculo. A Neide? A primeira namoradinha do Renato?

-Kênia.

Fiquei sem fala. Acho que houve uma implosão em mim.um impacto emocional tão grande que me senti uma menina de sete anos sob os frangalhos de uma mulher que desmoronava em mil pedaços.(RIOS, 2006, P.119)

Como vemos o tempo e o espaço que separou estas duas amantes não foram suficientes para podar o amor que Flavia sentia por Kênia, pois percebemos pela fala de nossa protagonista que esta separação só tornou mais intenso este sentimento, uma vez que ela é acometida, no momento da notícia, de uma “onda” de desejo e emoção na qual a mulher, dona de si, volta a ser aquela menina delicada, aparentemente inocente e perdidamente apaixonada. Se no passado aquele amor era sob todos os aspectos sociais impossível, agora surgia uma possibilidade de retomarem sua estória amorosa sem aquelas barreiras que as impediam.

É partir de um diálogo entre Flávia e sua mãe sobre o que realmente acontecera com Kênia e seu marido que ela inicia uma viagem de volta ao passado, revivendo, através de suas lembranças, o que realmente aconteceu entre as duas amantes e o marido de Kênia.

Fui entendendo e revivendo aquele tempo, com as tripas, o coração, o sangue, tudo doendo dentro de mim, numa contração de horror. A garotinha precoce, ciumenta, esperta, e que gostava de brincar de gatinho, era um monstro- o monstrinho polimorfo, como Freud classificava tão bem as crianças. Tive horror de mim, medo, susto. O que poderia sentir senão um grande susto, que me esfrangalhava? As lâmpadas socadas até virar pozinho branco. A chuva fininha de vidro moído caindo no prato de sopa. Eu era uma criminosa em potencial! Isso doeu em minha mente, mas eu só tinha sete anos! Eu era inteiramente incapaz de entender o caráter criminoso do fato.(RIOS,2006,p.120)

Neste excerto a narradora se recorda minuciosamente da criminosa atitude por ele praticada contra o homem que ela considerava um obstáculo entre as duas. No entanto, somos levados pelos questionamentos da própria narradora a nos questionar se o fato foi realmente criminoso ou simplesmente, uma atitude de uma criança ciumenta, que não tinha consciência da real proporção do que estava fazendo. Deste momento em diante, os leitores passam a conhecer fatos até então nunca revelados pela protagonista. Como as descrições sobre seus momentos íntimos

Subi na cama e ela tirou os seios para fora da blusa, que desabotoou, levando-os com as mãos para minha boca:

- Quer mamar? Tá com vontade? Brinque com eles, chupe bastante, faça de conta que está saindo leite quente.

Lambi os lábios e senti as mãos dela segurando os contra mim para que os mamasse. Tirei as suas mãos e agarrei-os com minhas diabólicas mãozinhas (...) eu ia me movimentando em cima de Kênia conforme ela me dirigia (RIOS, 2006, p.124)

Como se pode perceber são revelações muito íntimas que revelam o grau de envolvimento afetivo ou de desejo de ambas. Um sentimento tão intenso que levou uma criança ao ponto de cometer um crime, mesmo não tendo total consciência das consequências de suas atitudes. Todas estas recordações e descobertas a conduziram ao encontro de sua amada Kênia por quem foi de criança inocente a assassina:

Não sei como me encontrei batendo no apartamento 21 do hotel. Não ouvi passos e me assustei quando a porta abriu.

Kênia! Finalmente. O mito. Diante dos meus olhos. O sonho de toda minha vida. Meus olhos devorando o seu olhar.

Fascinação. Absurda emoção. Ficamos olhando uma para a outra. Ambas tremíamos. Falamos nossos nomes ao mesmo tempo. Ela se afastou, oferecendo passagem para que eu entrasse. Flutuei sobre o carpete. Eu não me sentia. Eu tinha 22 anos, tinha sete. A caixa sob o meu braço continha a minha vida, na sandália de Kênia. (RIOS, 2006, p.140)

No excerto acima nos deparamos com um dos momentos mais esperados da narrativa, ou seja, o reencontro das duas amantes Flávia e Kênia, porém, alguns fatores poderiam interromper a concretização desta paixão, como o tempo passado, tendo em vista que o envolvimento se deu quando Flávia ainda tinha sete e Kênia vinte e poucos anos, bem como a distância que as separou e ainda os possíveis amores que surgiram nas vidas de ambas, mas nada mudou a intensidade deste amor:

Não seria possível distinguir essa emoção e paixão da loucura, tal o paroxismo a que chegamos. O calor do seu corpo penetrou-me, num delírio de embriagadora volúpia. As mãos nos seios, a boca na boca, sandália entre nossos corpos, o fetiche assassino, o fetiche estuprador, o fetiche simbólico que procurava seu esconderijo, o corpo que se movia para engolir o salto, a sandália metida entre os nossos corpos, rolando na cama, tecido rasgando, gemidos e palavras soltas, sem nexos, sôfregos e dolorosos, entre lágrimas e suor, pernas cruzando, coxas ajeitando-se, borboletas de asas negras entranhando-se numa dança frenética e sensual, numa fantasia que fez uma criança virar monstro e uma mulher se sentir um anjo. (RIOS, 2006, p.142).

Percebe-se claramente como era forte a paixão sentida por ambas, tendo como testemunha apenas as paredes que as cercavam. Um verdadeiro cruzamento de emoções

e tempos, uma vez que, embora estivessem no presente, houve um reencontro com o passado.

Contudo, vale enfatizar os dois últimos parágrafos do livro

Eu sou uma lésbica. Deve a sociedade rejeitar-me? Uma criança que cometeu o mais chocante crime de amor de todos os séculos, como poderia ser condenada? Haveria castigo para ela? Julgamento? Até que ponto uma criança é inocente?

Em que situação uma homossexual deve ser rejeitada, compreendida, ou aceita? Quando engana o homem com as dissimulações ou quando enfrenta a sociedade abertamente, sem esconder o que é (RIOS, 2006, p.143).

Diante do excerto exposto, percebemos uma alienação quanto aos direitos de uma homoafetiva, pois a narradora demonstra sentir culpa por causa da sua orientação sexual e, isso é gerado pelo medo sentido pelos homoafetivos de declararem sua orientação, principalmente os que ainda não possuem independência financeira e, precisam enfrentar a família e o mercado de trabalho. Poderíamos dizer que isso é reflexo de uma autora-implícita que enfrentou as discriminações de uma época que não aceitava os que não agiam de acordo com os padrões estabelecidos culturalmente. Contudo, este posicionamento final não surpreende, haja vista as oscilações de pontos de vista da narradora durante toda a narrativa quando o assunto era a sua orientação sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, chagamos a seguinte reflexão: é de grande relevância o trabalho com obras que abordam as temáticas homoafetivas, tanto no meio acadêmico quanto fora dele, uma vez que essa abordagem corrobora para construção de um sujeito mais consciente dos direitos de cada indivíduo; desconstruindo assim, mentalidades permeadas por preconceitos. A literatura tem esse papel de humanizar as pessoas, portanto a literatura gay possibilita uma visão sem a neblina causada pelos tabus, Silva (2007, p.124) propõe: “discutir essa literatura como possibilidade de construir, junto a esses sujeitos em formação, bases para uma emancipação pessoal e intelectual, fundamentada no respeito pelo outro e na tolerância à diversidade”.

Assim sendo, a análise da narradora da obra “Eu sou uma lésbica” nos possibilita problematizar as desigualdades, tabus, preconceitos, intolerâncias e medos,

enfrentados ainda hoje pelos homoafetivos. A partir da narradora, verificamos também os papéis sexuais impostos durante o processo de construção cultural de uma sociedade que teima em não aceitar com naturalidade o “diferente”.

É importante fazer os estudantes conhecedores de todas as etapas da nossa literatura, e não apenas dos clássicos que trazem em sua maioria em suas páginas ficcionais temas convenientes à sociedade. Por exemplo, os livros de Cassandra Rios marcam o início de uma literatura brasileira homoafetiva produzida por mulher; em uma época em que a homoafetividade ainda era considerada uma doença. Dessa forma, discussões acerca destas e de outras obras neste prisma contribuiriam para a formação de posturas mais críticas e respeitadas, evitando-se com isto práticas retrógradas de violência contra homens e mulheres que têm uma orientação sexual diferente dos esperados pelos dogmas sociais.

REFLECTIONS ABOUT THE NARRATOR OF ‘I AM A LESBIAN’.

SILVA, Suleigma Diniz

ABSTRACT

Gays and lesbians come over the centuries trying to get a respected place in our society. Regarding the gay literature, that space has been achieved since the late XIX century, because before this period, literature was bringing on its fictional pages only beautiful straight stories, however there are still many rights to be won. Since even occurring advances on human thoughts, taboos and prejudices persist. Thus, we chose the work "I am a lesbian" from the author Cassandra Rios and, we chose to analyze the narrator who is the narrative's protagonist and is a lesbian, but in her words we found contradictions about her sexual orientation, as well as placements full of taboos and prejudices. This article aims to analyze the behavior of the narrator in certain circumstances. In this line of thought, we will verify the representation of the narrator in the work and her contributions to the sex roles of the subjects. And yet, we aim to raise reflections on cultural practices adopted by a society structured under coded values, when it comes to the other one, and especially when this one is considered "different", when it comes to the sexuality represented in the work by the words of its narrator.

KEY-WORDS: Narrator, Literature, Sexual Orientation.

REFERÊNCIAS

BELLINI, Ligia. *A coisa obscura: mulher, sodomia e inquisição no Brasil colonial*. Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter. O narrador considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. Tradução Marina Appenzeller; revisão da tradução Eduardo Brandão. 2.ed. São Paulo: Martins fontes, 2001.

MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

PRESSER, Margaret. *Elementos estruturais da narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.

RIOS, Cassandra. *Eu sou uma lésbica*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. *A literatura infanto-juvenil e a homossexualidade*. In: Revista Sócio Poética. Volume1, número 2, julho a dezembro de 2007.